

ENCRUZILHAS NO DESENVOLVIMENTO HUMANO, SOCIAL E AMBIENTAL DAS SOCIEDADES DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE (2022-2023)

Documento de Pesquisa



**AUTORIDADES
CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO**

Presidente do CELAM

D. Jaime Spengler

Secretário-Geral

D. Lizardo Estrada

Secretário-Geral Adjunto

P. Pedro Brassesco

Diretor do Centro de Gestão do Conhecimento

Me. Guillermo Sandoval Vásquez

CONTRAPARTES RESPONSÁVEIS PELO DOCUMENTO DE TRABALHO

OBSERVATÓRIO DA DÍVIDA SOCIAL ARGENTINA

Coordenador do estudo

Dr. Agustín Salvia

Pesquisador compilador/autor

Dra. María Noel Fachal

Bel. Enzo Rave

Bel. Nazarena Bauso

Assistência técnica

Mónica D'Amico

Contribuição teológico-pastoral

P. Peter Hugues

Este Documento de Trabalho foi elaborado no âmbito de um Convênio de Doação entre o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e a Pontifícia Universidade Católica Argentina - Observatório da Dívida Social Argentina, aos quais pertence conjuntamente a propriedade intelectual do mesmo. Seu objetivo é documentar a realização do projeto de pesquisa: Avanços e retrocessos no desenvolvimento humano, social e ambiental das sociedades da América Latina e do Caribe (2022-2023).

Índice



	Prefácio	5
	Introdução	7
	Resumo executivo.....	11
	A. SITUAÇÃO ECONÔMICA E OCUPACIONAL	11
	B. SITUAÇÃO SOCIAL	15
	C. SITUAÇÃO SOCIOAMBIENTAL.....	18
	D. SITUAÇÃO SOCIOPOLÍTICA	21
	Reflexão teológico-pastoral.....	24

Prefácio

A análise da situação da América Latina e do Caribe apresentada neste relatório renova a preocupação e o impulso para continuar exigindo mudanças estruturais diante das desigualdades e exclusões que historicamente afetam a nossa região, que por sua vez permanecem em vigor e aprofundam-se apesar do fim da pandemia de COVID-19. Os dados de organizações internacionais e centros de estudo recolhidos neste estudo mostram a incapacidade dos governos centrais dos países da região de deixar para trás e superar os graves efeitos da COVID. É evidente que, se mantivermos as estruturas atuais, a desigualdade e o descarte de seres humanos continuarão a se aprofundar, assim como os danos à nossa Casa Comum.

Discernir os sinais dos tempos é a chave para fundamentar solidamente a ação pastoral da nossa Igreja. O conhecimento especializado, acompanhando os sentimentos do Povo de Deus no meio das raízes das nossas sociedades (como aquele manifestado no Processo de Escuta da Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe), é de grande utilidade para esta tarefa. Os dois se complementam e proporcionam clareza para compreender a realidade social e agir de acordo. Neste sentido, o novo relatório que nos é entregue pelo Observatório Socioantropológico e Pastoral (OSAP) do Centro de Gestão do Conhecimento do CELAM não é apenas mais uma contribuição técnica. Tem apoio acadêmico, analisa a realidade social, econômica, política e ambiental da América Latina e do Caribe desde uma perspectiva crente e incorpora uma reflexão teológico-pastoral.

Neste documento encontraremos dados sobre as consequências que ainda vigoram como resultado da crise sanitária que se originou em 2020, mas ao mesmo tempo as ações que os Estados têm implementado, evitando que o desastre fosse muito pior. Contudo, estas ações não conseguiram melhorar a quantidade e a qualidade dos empregos, mas o que aumentou foram as taxas de trabalho informal e de inflação, agravando o acesso a diversos serviços e/ou direitos humanos básicos.

Estamos alarmados com o fato de que a recuperação de empregos de qualidade está sendo mais lenta do que o esperado e, como fica demonstrado, mais lenta do que a recuperação da economia. Já decorridos três anos desde o início da pandemia, as taxas de emprego formal não retornaram aos níveis pré-pandêmicos, apesar dos esforços dos Estados na implementação de políticas de reativação econômica, que geraram uma redução nos níveis de desemprego, porém refletidos no aumento das taxas de emprego informal. Não há pobreza

maior do que não ter trabalho, disse-nos com razão o Papa Francisco. Neste quesito, os mais afetados são as mulheres e os jovens.

Dói-nos também que, em termos de habitação e saúde, os défices estejam longe de serem reduzidos, onde metade das pessoas no primeiro quintil de renda per capita vive em moradias com superlotação. Estamos também preocupados com a situação da democracia nos nossos países e com o nível de satisfação que a população manifesta em relação a este sistema político.

Tudo isso nos leva a buscar caminhos superadores. Nunca podemos esquecer que Deus continua sempre a criar e, para fazê-lo hoje, pede-nos que coloquemos a nossa inteligência e as nossas mãos em movimento. O compromisso com a justiça e a solidariedade tem as suas raízes no amor a Deus e ao próximo. Este ensinamento, quando plenamente assumido, tem uma consequência muito clara na dimensão social da evangelização.

Neste sentido, apresentamos este relatório com a esperança depositada em Deus e também em cada um dos nossos irmãos, sob a proteção de Nossa Senhora de Guadalupe.

Dom Lizardo Estrada
Bispo Auxiliar de Cusco
Secretário-Geral do CELAM

Introdução

O ser humano ainda é capaz de intervir de forma positiva (LS58); Nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, pode também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se (LS 205).

Francisco, Carta enc. Laudato Si', 58, 66, 205 (2015).

As sociedades latino-americanas têm problemas estruturais há décadas: camponeses sem terra, famílias sem abrigo, trabalhadores sem direitos, pessoas com a sua dignidade ultrajada. Hoje é necessária uma mudança de estruturas, porque o sistema social não é mais sustentável. Francisco fala-nos da necessidade de globalizar a esperança em contraste com a globalização da exclusão, pondo fim à desigualdade e ao modelo de descarte.

Mas uma transformação deste tipo começa com uma mudança de mentalidade: é necessário abandonar a lógica da acumulação e avançar para uma correta administração da Casa Comum. É fundamental que os Estados e os seus governantes consigam garantir, para todos os seus habitantes, um “bem viver”, sob o princípio do “bem comum”: “os três T’s” (trabalho, terra, teto), bem como o acesso à educação, saúde, inovação, manifestações artísticas e culturais, comunicação, esportes e lazer¹, juntamente com um desenvolvimento em equilíbrio com o mundo natural.

Transformar a realidade social com a força do Evangelho, testemunhada por mulheres e homens fiéis a Jesus Cristo, tem sido sempre um desafio e ainda o é, no início do terceiro milênio da era cristã. O anúncio de Jesus Cristo, “boa nova” de salvação, de amor, de justiça e de paz, nem sempre encontra fácil acolhimento no mundo de hoje, nem sequer no nosso continente, devastado pelas doenças, guerras, miséria e injustiças. Neste contexto, estamos convencidos de que os estudos sociais sistemáticos ajudarão a Igreja latino-americana a compreender os sinais dos tempos e a dar resposta aos problemas e às exigências do nosso tempo.

¹ Francisco (2015). Discurso do Santo Padre no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares. Santa Cruz de la Sierra, 2015.

A necessidade de ter um conhecimento profundo da realidade econômica, política e cultural, para daí fazer as opções políticas e estratégicas que o caminho transformador exige, torna essencial a aproximação da nossa Igreja às ciências sociais e humanas, levando em consideração que o conhecimento técnico-científico — incluindo o das ciências sociais — tem uma clara missão de serviço segundo a nossa Doutrina Social:

Os novos conhecimentos técnicos e científicos devem ser colocados ao serviço das necessidades primárias do homem, para que o patrimônio comum da humanidade possa ser gradualmente aumentado. A plena implementação do princípio da destinação universal dos bens exige, portanto, ações a nível internacional e iniciativas programadas por parte de todos os países: “Torna-se necessário quebrar as barreiras e os monopólios que deixam tantos povos à margem do progresso, e garantir, a todos os indivíduos e Nações, as condições basilares que lhes permitam participar no desenvolvimento”. João Paulo II, Carta enc. *Centesimus annus*, 35: AAS 83 (1991) 837.

O Papa Francisco assim nos disse: “o campo científico faz parte da sociedade e não deve ser considerado separado e independente, mas é chamado a servir a família humana e o seu desenvolvimento integral”. A partir disso, ele expressou seu desejo de que a produção de conhecimento beneficie a todos, para que “os povos da terra sejam alimentados, sua sede saciada, curados e educados; que a política e a economia dos povos mostrem o caminho para avançar com maior certeza em direção ao bem comum, especialmente em benefício dos pobres e necessitados, e em direção ao respeito pelo planeta”.²

Como peregrinos desta missão, e ao mesmo tempo membros ativos das nossas sociedades, somos chamados a servir o nosso povo e o seu desenvolvimento integral através da pesquisa da realidade social da nossa região. Essa pesquisa tem como objetivo reconhecer e elucidar os sofrimentos, as injustiças, as forças e as esperanças do nosso povo. Os frutos desta missão de serviço são inúmeros, tanto para a nossa Igreja quanto para todos os nossos povos latino-americanos. O nosso trabalho nutre-se dos sonhos do povo de Deus e assume um compromisso especial com os valores e bens fundamentais que estão na base das relações entre os povos, a sociedade e a ciência.

Desta forma, como especialistas no campo científico humanístico, empenhados em evidenciar as dívidas sociais que afetam o Continente, sem a pretensão de fazer uma análise exaustiva dos atuais processos socioeconômicos, político-institucionais e socioculturais, oferecemos através deste estudo uma caracterização das tendências e situações significativas que atingem as nossas sociedades e que comprometem o trabalho da Igreja latino-americana, e que nos levam a avaliar o caminho que o novo trabalho do CELAM procura seguir:

2 Francisco (2018). Discurso do Papa Francisco aos cientistas da Pontifícia Academia das Ciências, Cidade do Vaticano, 12 de novembro de 2018. <https://www.vaticannews.va/es/papa/news/2018-11/papa-francisco-discurso-academia-pontificia-ciencias-plenaria.html>

- Sem dúvida, com o fim da crise sanitária causada pela pandemia de COVID-19 em 2023, decretado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (Organização das Nações Unidas, 2023), finaliza um dos acontecimentos históricos mais importantes dos últimos tempos. No entanto, a América Latina e o Caribe continuam a enfrentar as consequências que essa crise gerou, somando-se aos problemas estruturais pré-existentes. Neste contexto, em 2023 a região completou uma década de um processo de desaceleração do crescimento do PIB iniciado em 2014, devido à instabilidade nos mercados financeiros, disputas territoriais e políticas a nível internacional, fraco desempenho dos preços das matérias-primas e pressão para o aumento da inflação, gerando um círculo vicioso de baixo crescimento e elevados níveis de desigualdade.
- Embora tenha havido melhorias na redução da pobreza com a recuperação econômica pós-pandemia de 2021-2022, as taxas para 2023 não continuaram a apresentar reduções devido ao baixo crescimento econômico. Da mesma forma, quando se comparam os níveis de pobreza segundo os países da América Latina e do Caribe, os cenários apresentados são muito heterogêneos. Mas a incidência da pobreza é mais elevada em alguns grupos populacionais da região: mais de 42,5% da população infantil e adolescente vive na pobreza e a taxa de pobreza das mulheres entre 20 e 59 anos é mais elevada do que a dos homens em todos os países. Além disso, a pobreza é consideravelmente maior na população indígena ou afrodescendente.
- No que se refere ao trabalho, assim como na taxa de crescimento, durante a década de 2014 a 2023, a taxa de crescimento do número de pessoas empregadas foi de apenas 1,26%, aproximadamente metade dos 3,2% registrados na década de 1980 (CEPAL, 2024). A pandemia de COVID-19 aprofundou esta tendência e desencadeou a maior crise nos mercados de trabalho da região desde 1950 (CEPAL, 2024). E, portanto, quanto menor a criação de empregos na região, maiores os níveis de informalidade. No que diz respeito ao emprego, este aumentou até quase recuperar os níveis pré-pandêmicos, mas a proporção de emprego formal caiu quase 5 pontos percentuais em detrimento do forte crescimento dos empregos precários e informais.
- Embora tenha havido pontos positivos em termos de saúde e educação após a pandemia – 66% da população latino-americana com esquema completo de vacinas contra COVID-19 até o final de 2023 e aumento na taxa bruta de acesso ao ensino superior –, os custos a longo prazo das crises nos sistemas de saúde e de educação devem ser sanados com urgência, tanto para reativar o crescimento quanto para mitigar o aumento das desigualdades. No entanto, ao mesmo tempo, tanto o gasto público quanto o gasto pública social foram significativamente reduzidos em 2023.

- A região está sofrendo os efeitos cada vez mais graves das alterações climáticas. Furacões, inundações e secas são cada vez mais frequentes, assim como a maior exposição ao calor excessivo e às inundações. As mudanças climáticas levaram ao surgimento de fenômenos extremos que geram desastres naturais. Estes ocorrem com mais frequência e são cada vez mais intensos. Os elevados níveis de pobreza, os desafios que se colocam há muito tempo em termos de infraestruturas, educação, saúde e eficiência do gasto devem ser enfrentados com reformas políticas com uma perspectiva sustentável para o ambiente.
- Por outro lado, no campo político, o principal desafio na região é a ameaça que o sistema democrático vem enfrentando. É cada vez mais evidente a desconexão dos governos com as reivindicações dos cidadãos, o que se manifesta na crescente insatisfação da população com os seus governantes e instituições e no voto para punir os partidos governistas, num contexto em que 2023 é ano eleitoral em vários países. Esta crise de representação abre a porta à emergência de novas figuras populistas e autoritárias que capitalizam o descontentamento dos cidadãos para ganhar adeptos.

Neste contexto, motiva-nos o discernimento dos sinais dos tempos na América Latina e no Caribe, mas com um compromisso prático em relação às suas implicações econômicas, sociais, políticas e culturais: ver, ouvir e compreender a partir de uma atitude crítica as realidades que as nossas sociedades vivem com o objetivo de agir para alcançar uma transformação estrutural ao serviço do desenvolvimento humano integral e o cuidado da casa comum. Ao fazê-lo desta forma sentimo-nos parte do processo de conversão decididamente missionária que vive a Igreja latino-americana, inspirada pelos documentos de Medellín até Aparecida, e, especialmente nos últimos tempos, recolhendo as contribuições dos ensinamentos do Papa Francisco, particularmente dos seus documentos 'Querida Amazônia', 'Laudato si' e 'Fratelli Tutti'.

Nesse sentido, o presente documento examina a realidade da América Latina e do Caribe, colhendo e estendendo a toda a nossa região, três dos quatro sonhos do Papa Francisco em relação à nossa Amazônia: i) O "sonho ecológico", a partir do qual o Papa destaca a importância de resgatar, custodiar e desenvolver a enorme beleza natural da casa comum; ii) O "sonho social", a partir do qual somos chamados a lutar pelos direitos dos mais pobres, dos últimos, onde a sua voz seja ouvida e a sua dignidade seja promovida"; iii) O "sonho cultural", a partir do qual o Papa sonha com uma sociedade que preserve a riqueza cultural, onde brilhe e progrida a diversidade das belas formas humanas.

Resumo executivo

A. SITUAÇÃO ECONÔMICA E OCUPACIONAL

- A América Latina e o Caribe apresentam um baixo crescimento econômico em 2023 e uma tendência à acentuação da desaceleração do crescimento do PIB até 2024 (Gráfico SEO.1). Entre os fatores que explicam este abrandamento e o fraco desempenho do crescimento econômico, diferentes organizações apontam a instabilidade nos mercados financeiros, as disputas territoriais e políticas a nível internacional, o fraco desempenho nos preços das matérias-primas, eventuais pressões para o aumento da inflação, e condições climáticas adversas, entre outras.
- O investimento direto estrangeiro é também outro aspecto a observar quando se procura avaliar oportunidades de crescimento na região. O nível de investimentos recuperou-se na pós-pandemia, mas ainda não há números atualizados que incluam os dois semestres de 2023. Agora, se observados os dados disponíveis para o primeiro semestre de 2023, Brasil, Chile, Colômbia e México são os países que alcançaram níveis mais elevados de investimento na região.
- Outro elemento ao que se confere especial atenção é a evolução do índice de preços dos países da região. A inflação é um dos fenômenos mais preocupantes em matéria econômica, uma vez que ataca o poder de compra e ao mesmo tempo que se traduz em menor crescimento econômico. Com exceção dos casos da Argentina e do Haiti, com processos inflacionários contínuos, a taxa de inflação na região tem diminuído, mas continua significativa, o que a torna um fenômeno cuja evolução deve ser acompanhada de muito perto.
- Em termos de gastos e endividamento, no que diz respeito ao momento auge da pandemia, onde as despesas governamentais aumentaram para enfrentar os efeitos econômicos da crise sanitária, os gastos foram reduzidos - principalmente devido à contração das despesas primárias - e as estimativas apontam para 2023 níveis próximos aos de 2022, porém levemente acima dos valores registrados em 2019, antes da pandemia. Por outro lado, os níveis de dívida pública bruta em média na América Latina e no Caribe diminuíram significativamente em comparação com o tempo da pandemia, mas continuam

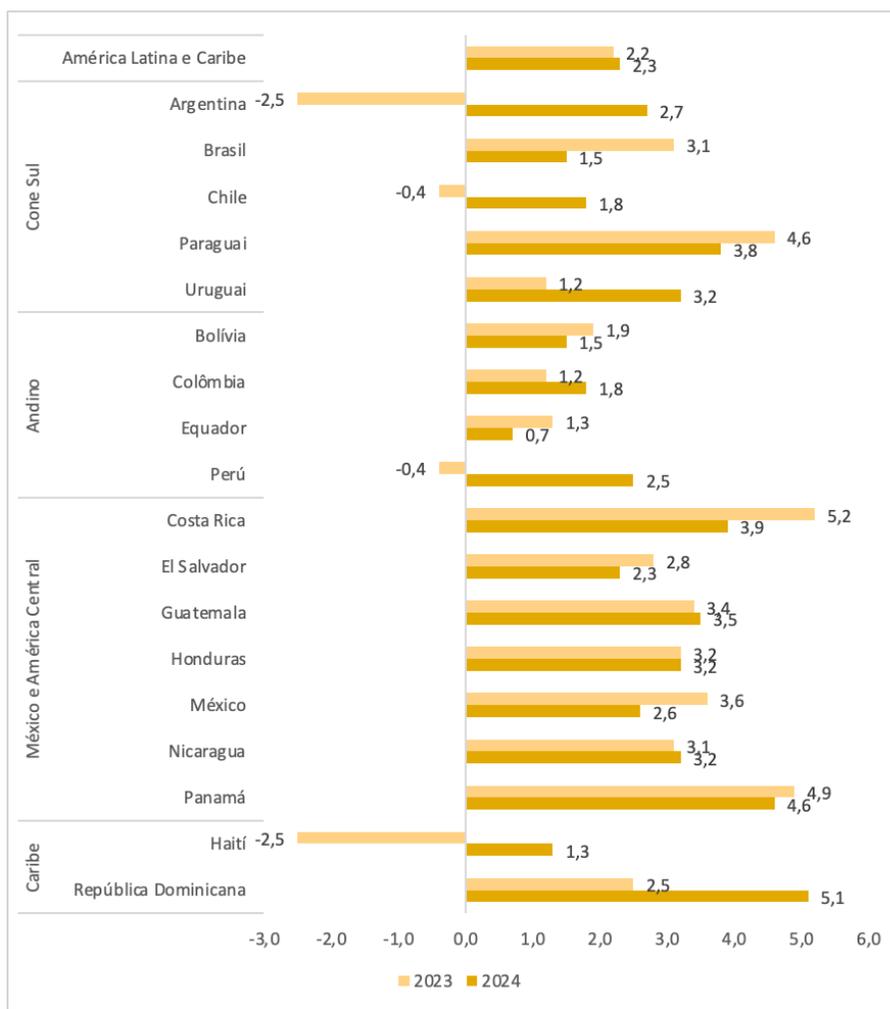
elevados, com valores semelhantes aos registrados nos primeiros anos do novo século (Gráfico SEO.2).

- Neste contexto, vale a pena destacar que o acesso ao financiamento constitui uma componente chave em termos de adoção de tecnologia. Atualmente, a mudança tecnológica é uma realidade que atravessa o mundo contemporâneo, acentuada pela pandemia com os fenômenos de digitalização do emprego, e cujo impacto nos processos produtivos é díspar, dependendo da capacidade que os países têm para adotar essas tecnologias nos referidos processos. No caso dos países da região, predomina o atraso tecnológico e a incorporação desigual de tecnologias, o que muitas vezes se traduz em processos de crescimento desiguais.
- Em termos de emprego, no primeiro semestre de 2023 houve uma diminuição da recuperação dos mercados de trabalho na América Latina e no Caribe. As dificuldades em avançar numa trajetória de crescimento econômico sustentável geram limitações na criação de emprego e na melhoria das condições de trabalho. Os dados mais recentes para 2023 indicam que a taxa de emprego na América Latina e no Caribe não se recuperou o suficiente para atingir os valores prévios à pandemia, embora a taxa de desemprego tenha sido reduzida de forma constante depois de atingir o seu ponto mais alto durante a crise sanitária. No que diz respeito às disparidades laborais por gênero e idade, os dados continuam a mostrar a situação vulnerável em que se encontram as mulheres e os jovens, com baixas taxas de participação no mercado de trabalho e taxas de desemprego mais elevadas.
- Somam-se à menor criação de empregos na região os elevados níveis de trabalho informal (Gráfico SEO.3). As dificuldades que as matrizes produtivas de grande parte dos países da região enfrentam na geração de empregos no setor formal aumentam os riscos de que a força de trabalho caia na informalidade, com empregos precários, sem acesso à segurança e proteção social, e baixa renda. Desta forma, a precariedade laboral continua a funcionar como um fator preocupante nos mercados de trabalho, o que possui uma clara correlação com o aumento da pobreza e a desigualdade nos países da região. Em outras palavras, as desigualdades estruturais de longa data afetam negativamente os esforços destinados a eliminar a pobreza e a garantir um processo de desenvolvimento contínuo. Depois de presenciar uma redução dos níveis de pobreza na região na pós-pandemia, as projeções indicam que essa tendência não se consolidaria durante 2023. Num contexto em que as taxas de informalidade continuam a ser significativas, destacam-se também os esforços das famílias, e até mesmo de setores como o da economia social, para garantir os meios de subsistência. Com efeito, no âmbito de uma realidade afetada por privações e desigualdades, a economia social e solidária tem ganhado força ao oferecer um espaço

para dar respostas concretas às necessidades cada vez mais urgentes da população, apoiadas na lógica da cooperação e a ajuda mútua.

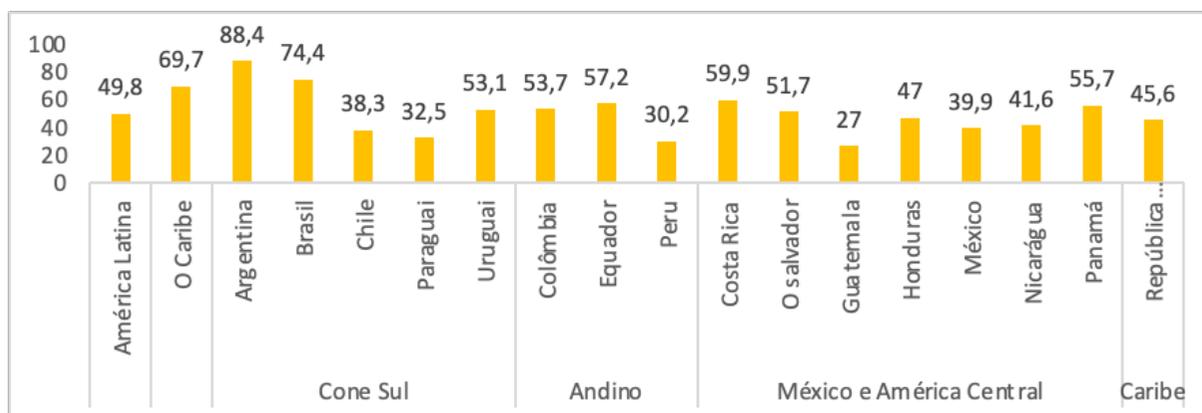
- Finalmente, a América Latina e o Caribe enfrentam desafios importantes no âmbito dos processos globais que visam uma transição verde. Torna-se cada vez mais imperativo repensar as matrizes de produção econômica com o objetivo de mitigar o impacto da ação humana no ambiente. Nesse contexto, a região ocupa um lugar privilegiado pela presença de recursos energéticos renováveis que lhe oferecem uma oportunidade única para gerar modelos de desenvolvimento inclusivos, equitativos e sustentáveis, especialmente no âmbito dos esforços globais orientados para a procura de alternativas possíveis aos combustíveis fósseis.

Gráfico SEO. I. América Latina e Caribe (19 países): Crescimento anual do PIB, estimativas para 2023 e projeções para 2024, por países e sub-regiões da América Latina e do Caribe. Em porcentagens.



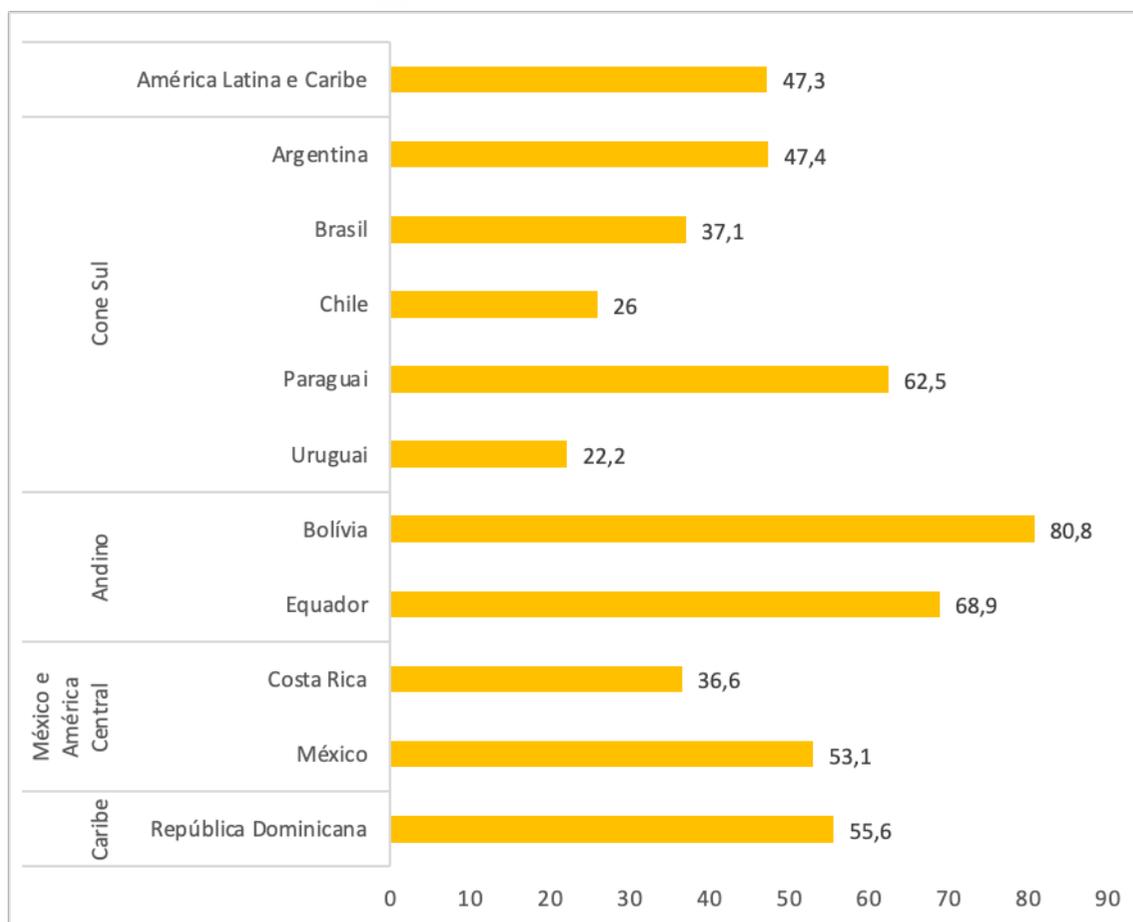
Fonte: Elaborado pelos autores com base no relatório “Global Economic Prospects” (Banco Mundial, 2024).

Gráfico SEO.2. América Latina (16 países) e Caribe (13 países): Dívida pública bruta do governo central por países e sub-regiões da América Latina e do Caribe. Ano: 2023. Em percentagens do PIB.



Obs.: Os dados correspondem a setembro de 2023. A América Latina inclui os seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai. O Caribe inclui os seguintes países: Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Granada, Guiana, Jamaica, São Vicente e Granadinas, São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia, Suriname e Trinidad e Tobago (CEPAL, 2023a).

Gráfico SEO.3. América Latina e Caribe (11 países): Taxa de informalidade do trabalho, por países e sub-regiões da América Latina e do Caribe. Ano 2023. Em percentagens.



Obs.: Os dados correspondem ao segundo trimestre de 2023. A taxa da Bolívia corresponde ao primeiro trimestre de 2023, e a taxa para a América Latina e o Caribe corresponde ao primeiro semestre de 2023. A América Latina e o Caribe incluem os seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, México, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai.

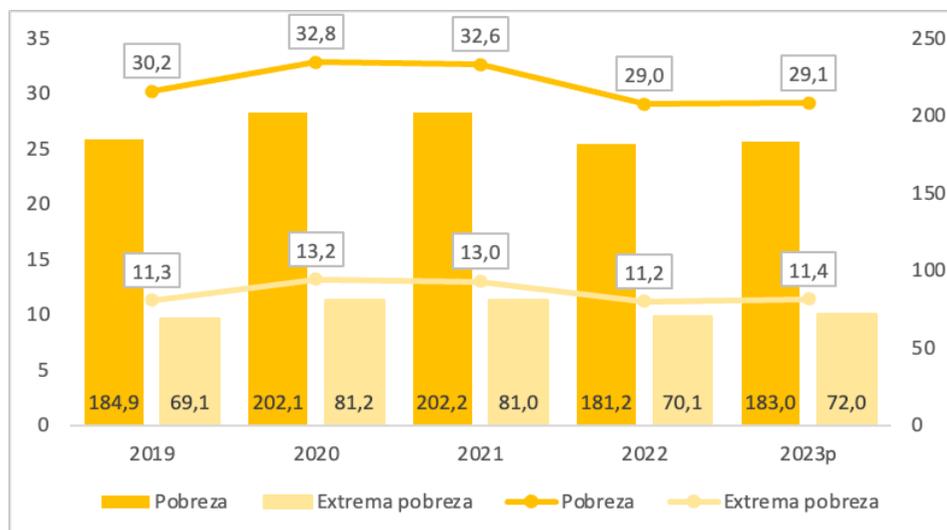
Fonte: Elaborado pelos autores com base no relatório "Panorama Trabalhista 2023. América Latina e Caribe" (OIT, 2023a) e no relatório "Balanço Preliminar das Economias da América Latina e do Caribe 2023" (CEPAL, 2023).

B. SITUAÇÃO SOCIAL

- Após a recuperação econômica pós-pandemia, mudanças no mercado de trabalho latino-americano fizeram com que as rendas de trabalho e não-trabalho crescessem em 2022, fazendo com que a pobreza passasse de 32,6% em 2021 para 29% em 2022, e a extrema pobreza de 13% para 11,2% no mesmo período. No entanto, as projeções das taxas para 2023 não prevêem novas reduções devido ao baixo crescimento econômico esperado.
- Embora a média regional de pobreza tenha sido reduzida a níveis um pouco mais baixos do que aqueles anteriores à pandemia, isto não aconteceu em mais da metade dos países analisados na região, sendo que afeta principalmente as mulheres latino-americanas — cujo nível de pobreza aumenta ano após ano —, as crianças e adolescentes, os afrodescendentes, os indígenas e os residentes em áreas rurais. Mais de 180 milhões de pessoas não tiveram renda suficiente para cobrir as suas necessidades básicas e, entre elas, 70 milhões de pessoas não tiveram renda suficiente para adquirir uma cesta básica.
- Em relação à concentração da renda, vemos que na América Latina e no Caribe, a média regional para o cálculo do índice de Gini foi de 0,464 em 2022, o que é quase 3% inferior ao valor de 2021, segundo uma clara tendência regional de melhor distribuição de renda desde o início da década. Mas, apesar disso, as disparidades de renda entre os grupos mais pobres e os mais ricos continuam a perpetuar-se e a aprofundar-se. Em 2022, na América Latina, o 10º decil consegue captar entre 29% e 45% da renda total de cada país, enquanto o decil de renda mais baixa capta entre 0,4% e 2,5%.
- Embora a garantia de uma alimentação adequada seja uma das condições fundamentais para o exercício efetivo de outros direitos e que a fome não esteja aumentando a nível mundial, as medições não recuperaram os níveis pré-pandemia, como é o caso da população latino-americana. A população da sub-região do Caribe é a mais afetada pela prevalência da subnutrição, uma vez que foi registrado um aumento significativo de 14,7% em 2021 para 16,3% em 2022, 2% acima do valor de 2019.
- No caso da prevalência da insegurança alimentar, a América Latina é uma das poucas regiões do mundo que registrou melhorias nas suas taxas de incidência. A proporção da população afetada pela insegurança alimentar moderada ou grave diminuiu de 40,3% em 2021 para 37,5% em 2022, o que equivale a 16,5 milhões de pessoas menos em um ano.

- Em 2021 e 2022, a superlotação das moradias na América Latina atingiu um terço da população, porém, a situação é pior dependendo do quintil em que a pessoa se encontra. Metade das pessoas no primeiro quintil de renda per capita já sofreu a superlotação. Por sua vez, a população que reside em El Salvador, México e Bolívia é a que apresentou os maiores níveis de superlotação durante o período 2019-2022.
- O crescimento acelerado da procura por educação na América Latina e no Caribe expõe o grande valor econômico e social associado a maiores níveis educacionais. Nos últimos vinte anos, na América Latina e no Caribe houve um aumento significativo no acesso ao ensino superior. A taxa bruta aumentou de 19% para 38% globalmente entre 2000-2023, tornando-a a segunda região do mundo em termos de crescimento.
- Diante da emergência causada pela pandemia da COVID-19, os governos dos países da América Latina e do Caribe têm feito grandes esforços para acelerar a vacinação de sua população, conseguindo vacinar quase 66% da população total com esquema completo contra a COVID-19 no final de março de 2022. Esse fato, porém, está marcado por uma forte heterogeneidade intrarregional, já que entre março de 2021 e março de 2022 a América Latina conseguiu vacinar 66% de sua população, enquanto no Caribe foi apenas 36%.
- Em 2022, a América Latina registrou o segundo ano de redução do gasto social por parte dos governos centrais, medido em percentagem do PIB, sinalizando o fim das políticas de emergência pela COVID-19 e do contexto de crise econômica. No caso da região do Caribe, em 2022 o gasto público social do governo central foi reduzido para 11,5% do PIB, sendo que 2020 foi o ano em que a sub-região atingiu o nível mais elevado alcançando 13,7%, quebrando assim a tendência de aumento nos gastos sociais.
- Na América Latina, 64,3% da população estava coberta por pelo menos um auxílio de proteção social em 2020 ou no último ano com dados disponíveis, sendo essa porcentagem é maior na região do Cone Sul.

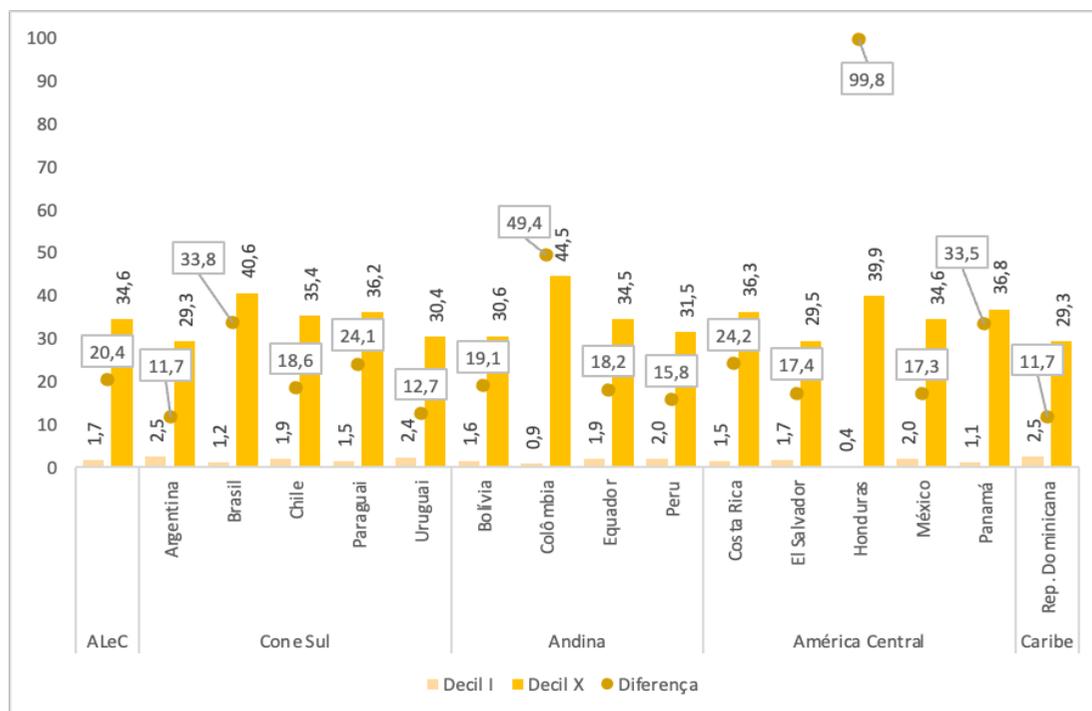
Gráfico SSO.1. América Latina e Caribe (18 países): Taxa de pobreza e extrema pobreza na América Latina. Ano: 2019-2023. Em porcentagem e número de pessoas (eixo direito).



Obs.: p = projeção.

Fonte: elaborado pelos autores com base no relatório “Panorama Social da América Latina e do Caribe 2023”. CEPAL, 2023.

Gráfico SSO.2. América Latina e Caribe (15 países): Renda recebida pelos decis I e X. Ano: 2022. Em porcentagem e disparidades.



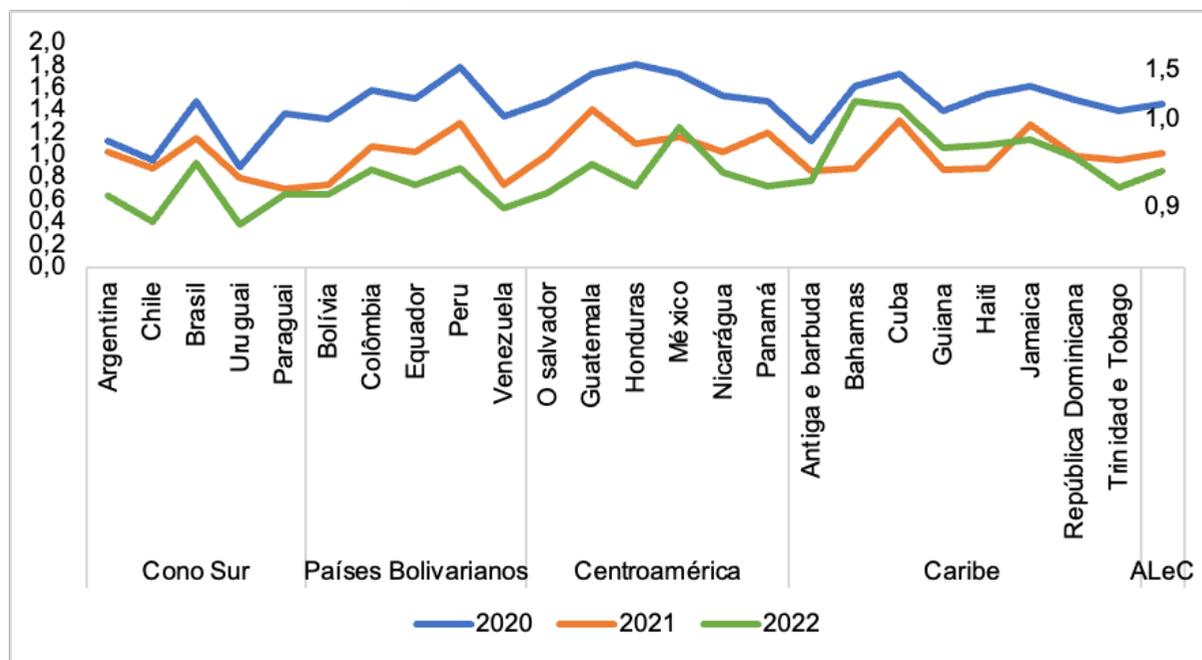
Fonte: elaborado pelos autores com base no relatório “Equilíbrio social da América Latina e do Caribe 2023”. CEPAL, 2023.

C. SITUAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

- O aumento da temperatura média anual nos últimos anos indica que a década 2016-2025 será a mais quente da história. A temperatura média global, até outubro de 2023, situou-se cerca de $1,40 \pm 0,12$ °C acima da média de 1850-1900, o que indicaria que 2023 será o ano mais quente do registro de 174 anos, superando os recordes de 2016 e 2020.
- Na América Latina e no Caribe, a temperatura média em 2022 variou 0,9°C em comparação com 1951-1980 (SOA.1). Em setembro de 2023 ocorreu a transição de La Niña (2020-2023) para El Niño, pelo que são esperadas novas anomalias climáticas para 2024.
- Entre 2020 e 2022, as temperaturas médias foram as que mais variaram na região central da América do Sul e nas ilhas do nordeste do Caribe. Da mesma forma, essas variações foram claramente maiores em El Salvador, Guatemala e Honduras. Não é por acaso que estes três países centro-americanos sofreram maiores danos devido aos efeitos das secas e dos furacões nos últimos 5 anos.
- No período 2016-2020, o número de dias de exposição a ondas de calor aumentou em 19 países da América Latina e do Caribe. Da mesma forma, em 2021, aproximadamente 70% da população latino-americana foi exposta a pelo menos 2 semanas de noites em que a temperatura mínima foi superior a 20°C.
- As mudanças climáticas levaram ao aparecimento de fenômenos extremos que geram desastres naturais. Estes ocorrem com mais frequência e são cada vez mais intensos. Um dado que exemplifica essa dinâmica de intensidade é que entre 2019 e 2022, o número de pessoas afetadas por furacões ou tempestades tropicais na região aumentou cerca de 38%.
- Estima-se que 190 milhões de pessoas na região foram afetadas por 1.534 catástrofes naturais entre 2000-2022, tornando a América Latina uma das regiões mais expostas aos riscos de catástrofes. As mais recorrentes têm sido as inundações e as tempestades, enquanto os terremotos e as secas também têm tido ocorrência relevante na região.
- Os dados dos últimos quatro anos indicariam que 2023 se consolidou como o período com maiores danos causados por desastres naturais ligados à mudança do clima. Estima-se que mais de 8 milhões de pessoas foram afetadas e que os custos econômicos destes danos ultrapassaram os 20,3 milhões de dólares (SOA.2).

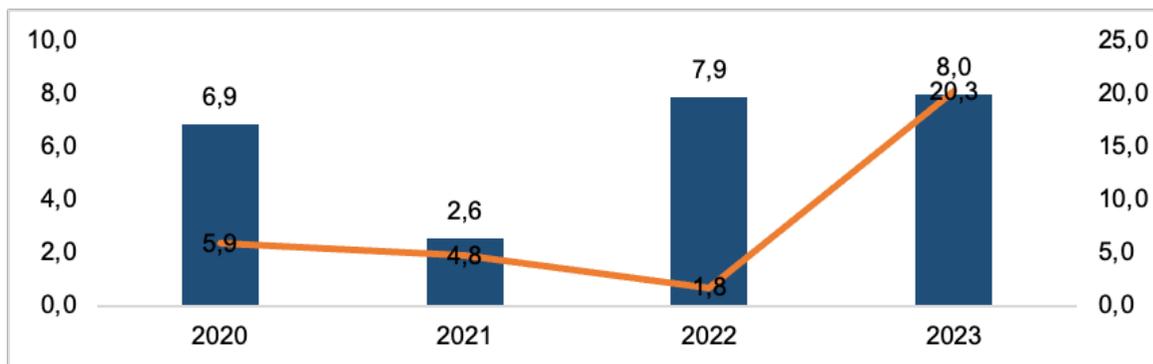
- A América Latina e o Caribe têm 46% de sua superfície coberta por florestas e possuem 23% das florestas do mundo, com grande destaque para a Amazônia, a maior floresta tropical do planeta com 6,7 milhões de km². Porém, em 1990, a área da região coberta por florestas era de 53%, o que implicou uma perda de 138 milhões de hectares de florestas em 30 anos. As maiores taxas de perda florestal foram registradas na América do Sul (SOA.3).
- Atualmente, a grande desigualdade socioambiental está ligada à maior ocorrência de desastres ligados às mudanças climáticas em regiões que não são as principais emissoras de gases de efeito estufa e que, portanto, não são as regiões que contribuem significativamente para o aumento da temperatura média global e seus efeitos associados.
- Ressalta-se que a região latino-americana tem uma baixa participação nas emissões totais de gases de efeito estufa do mundo, uma vez que em 2019 estas representavam apenas 6,7% do total de emissões globais - o que é relativamente consistente em relação ao PIB e ao peso populacional da região.
- Em termos intrarregionais, surge uma desigualdade entre as sub-regiões, uma vez que a América do Sul produz 71% das emissões regionais de gases de efeito estufa. Isto denota a intensidade da atividade florestal e do uso agrícola da terra nos países sul-americanos.
- Embora a região tenha aproximadamente um terço dos recursos hídricos do mundo, em alguns países há uma pressão crescente sobre a água e um déficit persistente no acesso à água: 166 milhões de pessoas não tiveram acesso a serviços de abastecimento de água geridos de forma segura e 24 milhões não tiveram acesso aos serviços básicos.
- Por fim, vale ressaltar o elevado conflito socioambiental na região, já que entre 2000 e 2022 foram registrados 742 conflitos por causas ambientais, dos quais 661 permaneciam sem solução no final de 2022. Um terço dos conflitos que permanecem abertos estavam relacionados à mineração ou extração de minerais.

Gráfico SOA.1. América Latina e Caribe (24 países): Variação média da temperatura superficial em relação ao período 1951-1980. 2020-2022. Em graus Celsius.



Fonte: elaborado pelos autores com base na CEPALSTAT (2023).

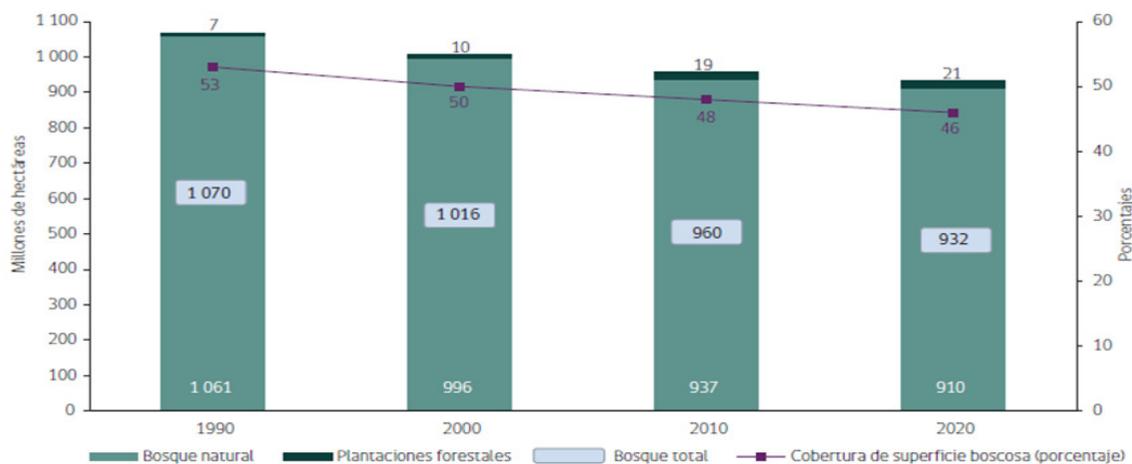
Gráfico SOA.2. América Latina e Caribe (18 países): Pessoas afetadas (eixo esquerdo, em milhões de pessoas) e custo econômico (eixo direito, em milhões de dólares) dos desastres naturais ligados à mudança do clima*. 2020-2023.



Fonte: elaborado pelos autores com base na CEPALSTAT, 2023.

* tempestades, inundações, deslocamentos de massas de ar úmidas, temperaturas extremas, secas e incêndios.

Gráfico SOA.3. América Latina e Caribe: Variação líquida anual da área florestal, por década e região, 1990-2020.



Fonte: CEPAL, 2021.

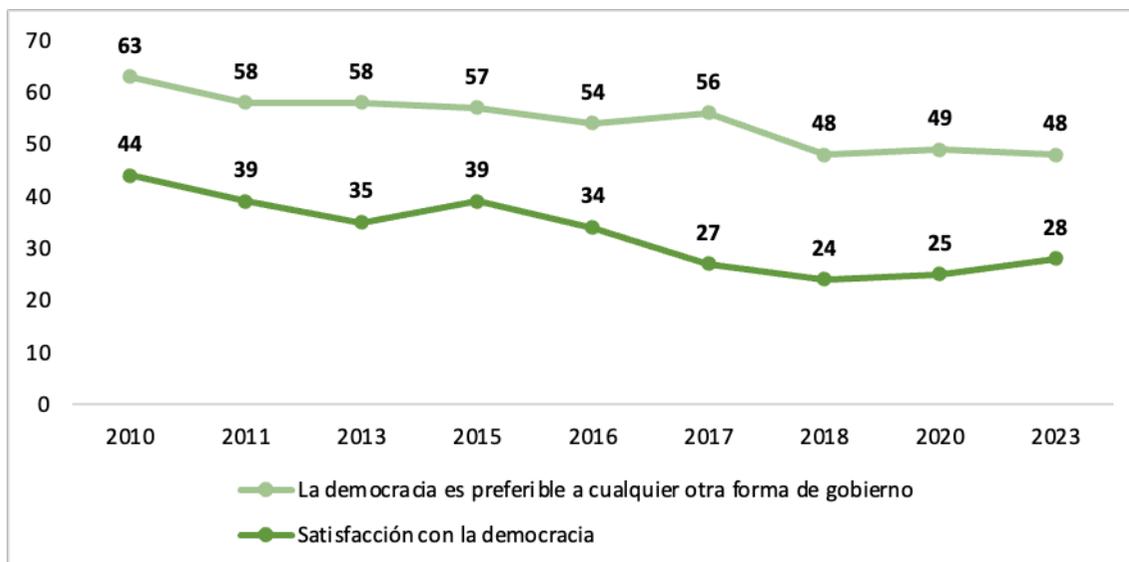
D. SITUAÇÃO SOCIOPOLÍTICA

- Apenas 28% das pessoas na América Latina e no Caribe estavam satisfeitas com a democracia em 2023, o que representa um baixo nível de satisfação em comparação com o período 2010-2016, embora seja o nível mais alto desde 2017. Da mesma forma, 48% das pessoas afirmaram que a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo (SOP.1).
- O Índice de Democracia, medido periodicamente todos os anos, indica que desde 2020 a região tem experimentado uma deterioração contínua nas dimensões sociais que constituem a cultura democrática de um país, como o pluralismo, as liberdades civis ou a participação política. Nesse sentido, em 2023, apenas o Uruguai e a Costa Rica tiveram desempenhos que os posicionaram como democracias plenas. No outro extremo, Haiti, Cuba e Nicarágua foram classificados como regimes autoritários.
- Em 2023, aproximadamente uma em cada três pessoas expressou confiança nas instituições da democracia representativa e apenas 15,6% confiou nos partidos políticos (SOP.2).
- Em contraste, outras instituições como a polícia, os sindicatos, a igreja e as empresas nacionais registraram níveis de confiança significativamente mais elevados (SOP.3). Em 2023, 38,9% das pessoas relataram algum nível de confiança na polícia e 30,7% nos

sindicatos. Por outro lado, 5 em cada 10 pessoas manifestaram confiar nas empresas nacionais e 6 em cada 10 pessoas na igreja, o que coloca esta instituição social como a mais confiável para os cidadãos latino-americanos.

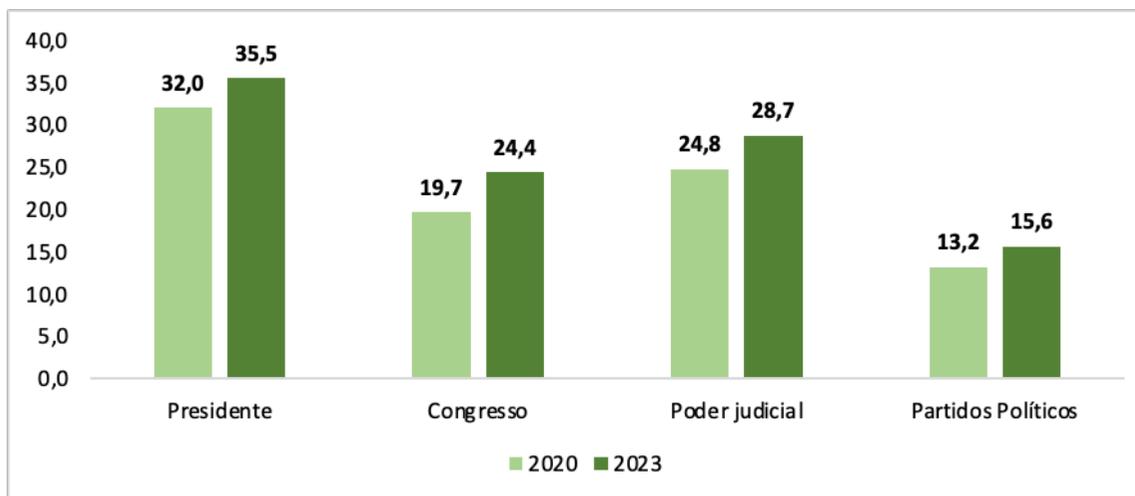
- Nos últimos três anos, houve um aumento na participação das mulheres na formação dos poderes legislativos nacionais na região. Da mesma forma, quase um terço dos ministérios ou secretarias de Estado da região eram liderados por mulheres em 2023 (SOP.4).
- No caso dos poderes executivos ou gabinetes governamentais, em 2023, 28,7% das pastas ministeriais na região eram chefiadas por mulheres, isto é, aproximadamente 1 em cada 3 ministérios ou secretarias de Estado tinham liderança feminina, o que representa um aumento de 5 pontos percentuais em relação ao período anterior, quando a média regional foi de 23,9%.
- Apenas uma em cada três pessoas na região estava satisfeita com a democracia em 2023, o que tem favorecido a indiferença da cidadania em relação ao tipo de governo, chegando até mesmo a considerar um governo autoritário em algumas circunstâncias. Neste sentido, em 2023, 17,1% das pessoas indicaram que, em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um democrático. Além disso, 27,9% indicaram que tanto faz um regime democrático ou um regime não democrático. No caso mais extremo, 34,7% das pessoas manifestaram o seu apoio a um eventual governo militar.
- As tendências de descontentamento com a democracia intensificaram-se entre os segmentos mais jovens da sociedade latino-americana. Em 2023, entre os jovens de 16 a 25 anos, registraram-se os níveis mais elevados de insatisfação com a democracia como forma de governo, bem como uma maior adesão a eventuais governos autoritários ou militares.
- Em termos eleitorais, o calendário eleitoral de 2024 será importante para analisar se a tendência do “voto de punição” contra os partidos governistas na região continua ou se inverte. Todas as eleições presidenciais realizadas de 2021 até o momento resultaram em alternância partidária, com duas exceções: Paraguai em 2023 e El Salvador em 2024.
- As eleições em El Salvador, em fevereiro de 2024, onde o partido governista recebeu um apoio contundente para a reeleição, poderia ser o início da mudança na tendência do voto punitivo, embora o resultado tenha sido fortemente influenciado por processos internos específicos.

Gráfico SOP.1. América Latina e Caribe (18 países): Satisfação com a democracia e nível de concordância com “a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo”. 2010-2023. Em porcentagem da população.



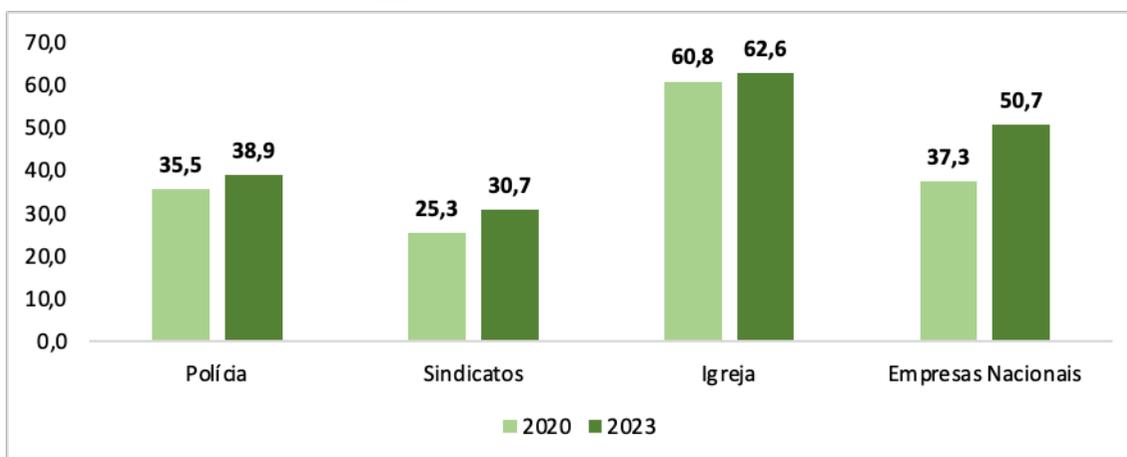
Fonte: elaborado pelos autores com base no Latinobarômetro 2023.

Gráfico SOP.2. América Latina e Caribe (18 países): Confiança nas instituições da democracia representativa. 2020 e 2023. Em porcentagem da população.



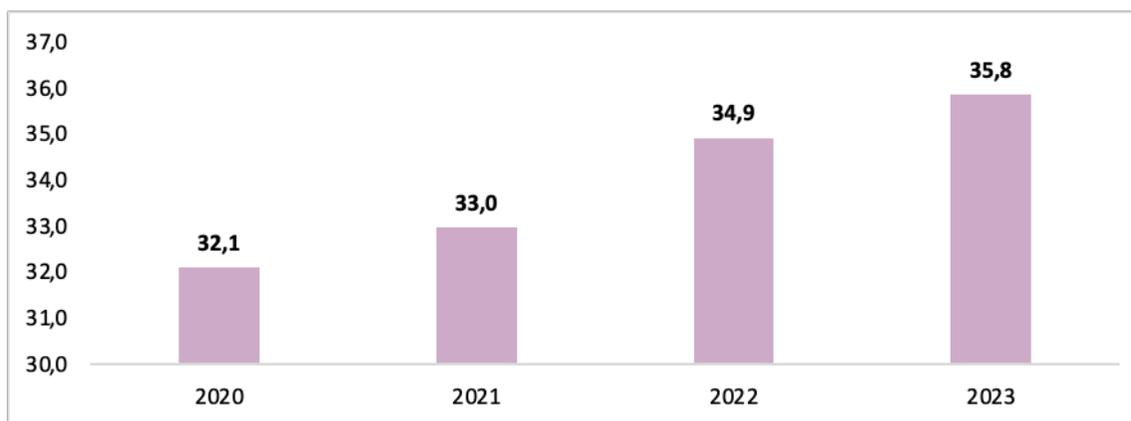
Fonte: elaborado pelos autores com base no Latinobarômetro 2020 e 2023.

Gráfico SOP3. América Latina e Caribe (18 países): Confiança nas forças de segurança e nas instituições sociais. 2020 e 2023. Em percentagem da população.



Fonte: elaborado pelos autores com base no Latinobarômetro 2020 e 2023.

Gráfico SOP4. América Latina e Caribe (25 países). Percentagem de cadeiras ocupadas por mulheres nos Poderes Legislativos Nacionais. 2020-2023.



Fonte: elaborado pelos autores com base na CEPALSTAT 2023/Base de dados ODS das Nações Unidas.

Reflexão teológico-pastoral

Escutando uns aos outros no Espírito

Desde o início, o relatório do Observatório insiste que sem mudanças estruturais o sistema social na América Latina não é sustentável. A perspectiva é do Papa Francisco, que nos fala da necessidade de globalizar a esperança como resposta da Igreja contra a globalização da exclusão, a desigualdade e o modelo de descarte. Os grandes obstáculos e desafios continuam a ser a procura por alternativas de desenvolvimento econômico cujo eixo central supere a lógica da acumulação de dinheiro. Ele sublinha, com razão, a importância da contribuição das ciências sociais na missão da Igreja para discernir os Sinais dos Tempos, anunciar a Boa Nova e dar uma resposta aos grandes problemas atuais. É importante notar que, na introdução do relatório, assinala-se a importância do estudo com dados comparados da realidade econômica, política e cultural no período pré-COVID-19 até 2023. A contribuição do relatório é um serviço explícito para colocar em prática o mandato evangélico de Mateus 25 no sentido de alimentar, saciar a sede, curar e educar os pobres e os mais necessitados da terra como base fundamental do bem comum, a defesa da Casa Comum e afirmar o caminho da reforma do CELAM.

O relatório examina com dados gráficos precisos as mudanças produzidas durante os anos da pandemia até 2023, examinando cinco áreas específicas: a pobreza, a situação do emprego, os custos e o acesso à saúde e à educação, os danos causados na região pela crise climática e a deterioração da democracia no campo político.

No que diz respeito à pobreza, nota-se que em 2023 o PIB da região, após o profundo declínio devido à pandemia e posterior recuperação econômica, permanece nos mesmos níveis, sem novas reduções. No entanto, é alarmante constatar o aumento da pobreza para 42,5%, em grupos tão importantes como a população infantil e adolescente, e que a taxa de pobreza é mais elevada para as mulheres adultas do que para os homens em todos os países. Deve-se notar que os números apresentados são muito heterogêneos e não representam as diferenças que separam os países do Caribe e alguns da América Central com o resto do continente. Da mesma forma, a pobreza é consideravelmente mais elevada entre as populações indígenas e os afrodescendentes.

A situação relativa à falta de emprego é dramática, sendo que a ocupação cresceu apenas 1,28% na última década; metade dos 3,2% registados na década de 1980. “A pandemia de Covid-19 aprofundou essa tendência e desencadeou a maior crise nos mercados de trabalho da região desde 1950 (CEPAL, 2024)”. O emprego formal dá lugar ao crescimento da informalidade, que é precária e carece de estabilidade e de direitos. Esta atinge níveis entre 70% e 80% na Bolívia, Equador e Peru, uma grande diferença em relação aos 26% e 22% no Chile e no Uruguai. É surpreendente que o estudo não mencione a questão muito importante do crescimento da migração em massa. O caso da Venezuela continua dramático e triste, assim como o dos países andinos e da América Central. Agora no Peru 44% da população deseja ir embora, não vendo futuro no país.

O acesso aos serviços públicos de saúde e educação é mais difícil devido aos custos e à falta de prioridade nas despesas sociais nesses setores essenciais nos orçamentos dos países. Aqui as desigualdades sociais são determinantes. Os ricos têm acesso às clínicas privadas, enquanto os pobres sofrem com serviços escassos e deficientes para estas necessidades básicas. No Peru, foi escandaloso durante a pandemia quando as clínicas privadas não disponibilizaram um mínimo dos seus leitos para atender às vítimas da COVID.

Os efeitos da crise climática, os furacões, as inundações — como as recentes em Porto Alegre — e as secas atingem a região com mais frequência e força. Os desastres naturais aumentam. Os incêndios florestais na Amazônia colocam em risco a sobrevivência da floresta tropical, pressionada pelo desmatamento crescente. O ano de 2023 foi o mais quente em 174 anos, e a década de 2016 a 2023 foi a mais quente já registrada na história. A situação de pobreza na nossa região, infelizmente, não permite que os locais vulneráveis sejam preparados com defesas adequadas contra desastres ecológicos naturais. Os governos parecem paralisados na tomada das iniciativas necessárias para proteger as populações mais vulneráveis. O último relatório dos melhores cientistas ecológicos do Painel Internacional sobre Mudança do Clima (IPCC) das Nações Unidas, publicado há algumas semanas, revela que o aumento da temperatura, comprovado cientificamente, será de 3 °C em vez de 1,5 °C, meta estabelecida nos Acordos de Paris em 2015. Isso é extremamente alarmante para o planeta e para a região. O degelo da Antártica será mais acelerado e a Amazônia mais afetada. A questão do Acordo de Paris limitar o aumento da temperatura a 1,5 °C para 2050 é, tristemente, uma oportunidade perdida. Confirma também que a voz de Francisco, tão responsável e importante expressa em *Laudato Si* e *Laudato Deum*, não encontrou a recepção nem a vontade política dos governos nas COPs. Agora a Igreja se prepara para participar com voz própria na COP 30 que será realizada em Belém do Pará em 2025.

Finalmente, no âmbito político a situação da democracia no continente está claramente se deteriorando. Apenas 28% da população se sente satisfeita com a referida forma de governo; em 2020 era apenas 44%. A queda é forte e preocupante, embora 48% declarem que

ainda é melhor do que outros sistemas políticos. Acredito que falta ao relatório reconhecer a ausência e o declínio dos partidos políticos representativos, razão pela qual aqueles que ocupam cargos importantes dedicam-se a promover os seus próprios interesses em vez dos interesses do povo que os elegeu.

Falta também apontar e denunciar os níveis de corrupção presentes na classe política que se aproveita da sua posição para monopolizar e se enriquecer com o erário público do Estado. A deterioração registra-se também nas instituições públicas, na falta de respeito pela separação de poderes, pelo Estado de direito e pela defesa dos direitos humanos. Cabe perguntar sobre o perigo do declínio da imagem atual da política, principalmente entre os jovens; a impressão é que eles não a veem como importante ou atrativa. Francisco toca nesse nervo da importância da política e da saúde da democracia em Fratelli Tutti quando insiste em tentar colocar em prática e fortalecer a amizade social no espaço político.

O relatório é a voz das ciências sociais, um instrumento de qualidade ao serviço da Igreja, e merece um acolhimento sério além da nossa gratidão aos autores. Motiva-nos textualmente ao discernimento dos sinais dos tempos na América Latina e no Caribe com um compromisso prático em relação às suas implicações econômicas, sociais, políticas e culturais. Exige também de nós uma conversão decididamente missionária que a Igreja na América Latina vivencia de Medellín até Aparecida e sobretudo as contribuições do Papa Francisco em Querida Amazônia, Laudato Si e Fratelli Tutti (cf. página 6).

Rumo à Conversa Espiritual

Agora a pergunta que fazemos a nós mesmos é o que devemos fazer com este relatório. É verdade que fornece informações importantes sobre a realidade concreta no contexto histórico atual da América Latina. Para muitos, saber que a Igreja é a instituição que merece a classificação mais elevada no continente, superior a 60%, é motivo para nos sentirmos bem, ou pelo menos um pouco melhor no meio de tanta insegurança. Para outros, no fundo permanece um certo desafio pastoral, como um vazio, de ter que dar um salto entre as ciências sociais e a tarefa evangelizadora.

O povo grita com dor porque tem fome e a fome mata. Os níveis de pobreza extrema não só não desaparecem, mas estão aumentando em muitos lugares após a pandemia. A anemia infantil afeta quase 80% das crianças de Puno, no altiplano peruano, a mesma área onde pessoas inocentes foram baleadas pelas forças policiais em janeiro de 2023 por terem participado em protestos públicos, com direito constitucional. O resultado foram mais de 50 mortes confirmadas por investigações nacionais e internacionais de defesa dos direitos

humanos enquanto o governo se recusa obstinadamente a realizar a investigação que lhe corresponde dos fatos.

A pobreza não é novidade, é um costume entre nós. A Igreja a reconhece há mais de meio século, promovendo um imenso trabalho de auxílio com cozinhas populares entre outras iniciativas. Neste tempo de Igreja sinodal, caminhando juntos, a pastoral social merece um novo olhar. Ressoam as palavras de Jesus aos discípulos “dai-lhes vós de comer” antes da multiplicação dos pães (Mc 6, 17; Mt 14, 16; Lc 9, 13). Sem dúvida a Igreja não é apenas mais um ator político. Somos chamados a proclamar um Reino de vida, amor, justiça e solidariedade para com os mais necessitados, “os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo” (DA 393).

Sabemos que não há nem haverá remédio ou resposta fácil para os males estruturais da nossa realidade, mas continuamos firmes no acompanhamento da dor dos nossos irmãos mais pequenos. Participamos da sua luta para transformar as causas estruturais da sociedade marcada por tantas desigualdades que dificultam a construção da fraternidade. Esse é o lugar teológico por excelência onde “a Palavra não só se faz carne, mas também é história e cultura” (discurso inaugural de Aparecida de Bento XVI). O caminho para ser uma Igreja samaritana e profética nunca será fácil. Aparecida nos fala de tantos pobres excluídos das periferias que não são “explorados”, mas “sobras e descartáveis” (DA 65). Francisco, com justa razão, desde o cerne do evangelho, denuncia a cultura do descarte, marca da globalização que reduz as pessoas humanas a seres inúteis e sem valor. Francisco convida-nos a não perder a esperança, a continuar caminhando com nosso povo.

O Espírito Fala Conosco

O Espírito Santo é o grande sujeito do processo sinodal que o povo de Deus vivencia. A partir do capítulo 13 do evangelho de João, Jesus se despede de seus discípulos com um longo discurso orante no qual explica-lhes que sua ausência não tem sentido de abandono. Virá o dom do Espírito de Deus. O tempo e a história vindoura será o tempo do Espírito, do Ressuscitado, o Emanuel, o Deus que cumpre a sua promessa de estar sempre presente com o seu povo. A Igreja será marcada pelo tempo do Espírito da verdade, a sabedoria, o consolo, a luz no meio das trevas. “Quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir” (João 16:13). O Espírito estará presente, participando na vida real e quotidiana do povo, com todo o drama que isso implica, ouvindo atentamente o que está a acontecer. O Espírito nos ouve e fala conosco. Mistério profundo, identidade inesgotável da Igreja, Povo de Deus. Francisco partilha a sua reflexão sobre como ouvir o Espírito na sua carta *Episcopalis Communio* durante a consulta que a Igreja da Amazônia realizou com o seu povo no processo

sinodal da Amazônia em 2018. “O Sínodo dos Bispos é um instrumento privilegiado para ouvir o Povo de Deus. Peçamos ao Espírito Santo, acima de tudo, o dom da escuta para os padres sinodais: a escuta de Deus, até ouvir com Ele o clamor do povo; a escuta do povo, até respirar nele a vontade à qual Deus nos chama . . . a sinodalidade é dimensão constitutiva da Igreja” (E.C. 6). Francisco repete cinco vezes o verbo “escutar” o povo de Deus para poder ter certeza, respirar com o Espírito e descobrir para onde Deus está nos chamando. De fato, esse processo de escuta, realizado durante um ano, onde foi registada a voz de quase 80.000 pessoas nos encontros territoriais e temáticos, foi a experiência decisiva do Sínodo da Amazônia. É lembrada como A Escuta, referência para os novos processos de consulta no Encontro Eclesial da Igreja na América Latina e o Sínodo atual da Sinodalidade.

A importância da metodologia do Ver, Julgar e Agir, utilizada na Igreja desde o Concílio Vaticano II, tem dado grandes resultados no âmbito pastoral e nos estilos empregados pelo Magistério. É impossível exagerar a sua riqueza, que nos permite penetrar no próprio mistério misericordioso de Deus encarnado na história. O Ver é enriquecido pela Escuta, abre as possibilidades de um encontro mais completo dos sinais dos tempos, onde é possível até senti-los e ouvi-los de forma mais viva e presente. Aparecida convida a uma leitura crente dos mesmos sinais. Agora a Igreja dá um passo adiante ao ouvi-los. Trata-se da presença do Espírito Santo nos ouvindo e falando conosco, uma verdadeira conversa espiritual. “O Espírito da verdade os guiará a toda a verdade”.



CENTRO DE GESTIÓN DEL
CONOCIMIENTO